

INTERFERÊNCIA DE VERBOS DE CONCORDÂNCIA DA LIBRAS (L1) NO USO DE PREPOSIÇÕES NA INTERLÍNGUA DE SURDOS APRENDIZES DE PORTUGUÊS L2 (ESCRITO)

INTERFERENCE OF AGREEING VERBS IN LIBRAS (L1) IN THE USE OF PREPOSITIONS IN THE INTERLANGUAGE OF DEAFS LEARNING L2 (WRITTEN) PORTUGUESE

Aline Mesquita¹

Heloisa Salles²

RESUMO

O estudo investiga a aquisição de português (escrito) como segunda língua (L2) por surdos falantes da Língua Brasileira de Sinais (Libras) como primeira língua, enfocando o uso da preposição ‘para’ introdutora do complemento dativo no Português Brasileiro (PB). Tomando por referência a hipótese do Acesso Parcial à Gramática Universal, segundo a qual existe interferência da L1 na aquisição de L2, e a hipótese de que o movimento direcional (DIR) em verbos de concordância na Libras e a preposição ‘para’ no PB são projeções de um núcleo relacional Q/P(\subseteq), que denota posse/inclusão, verificamos, por meio de estudo experimental, que a presença do morfema DIR, no verbo de concordância da Libras, favorece a ocorrência da preposição ‘para’ na interlíngua com o verbo correspondente no PB. A interferência é positiva nos casos de coincidência na marcação paramétrica entre as duas línguas, já que o verbo em português seleciona a preposição ‘para’ e seu correspondente em Libras manifesta DIR. No entanto, a interferência é negativa nos casos em que a preposição ‘para’ ocorre com verbos que não selecionam a preposição dativa no PB, e o verbo correspondente na Libras manifesta DIR.

Palavras-chave: Libras; dativo; aquisição de L2; preposições; verbos de concordância.

ABSTRACT

The study investigates the acquisition of (written) Portuguese as a second language (L2) by deaf people having the Brazilian Sign Language (Libras) as a first language (L1), focusing on the use of the preposition ‘para’ to introduce the dative complement in Brazilian Portuguese (BP). Taking into consideration the ‘Partial Access Hypothesis’, according to which there is interference of L1 in L2 acquisition, as well as the hypothesis that constructions with agreeing verbs in Libras and with the preposition ‘para’ in BP bear a relational head which denotes inclusion, namely Q/P(\subseteq), we noticed, by means of an experimental study, that the presence of DIR on the agreeing verb in Libras favors the occurrence of the preposition ‘para’ in the interlanguage. The interference is positive whenever there is coincidence in parametric marking between BP and Libras, as the verb selects the preposition ‘para’, and its correspondent in Libras manifests DIR. In turn the negative interference arises whenever the preposition ‘para’ occurs with verbs that do not take a dative preposition in BP while its correspondent in Libras manifests DIR.

Keywords: Libras; dative; L2 acquisition; prepositions; agreeing verbs.

1 Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Ministério da Educação. E-mail: alinecmesquita@gmail.com.

2 Instituto de Letras da Universidade de Brasília. E-mail: heloisasalles@gmail.com.

Introdução

O presente estudo investiga a aquisição da preposição dativa ‘para’ no Português Brasileiro (escrito), por surdos que têm a Libras³ como primeira língua (L1), considerando-se sua ocorrência na interlíngua com verbos bitransitivos e monotransitivos correspondentes aos verbos de concordância na Libras.⁴ Na análise, adotamos a Hipótese do Acesso Parcial à Gramática Universal (GU), em que se postula a interferência da L1 do aprendiz na aquisição da L2 (WHITE, 2003).

Para tanto, partimos da análise de verbos de concordância em Libras, em que um movimento direcional (DIR), na estrutura do sinal, relaciona o argumento externo e o argumento interno interpretado como alvo, propondo que é possível estabelecer uma relação de correspondência gramatical entre DIR e a preposição dativa (‘para’) em português. Essa correspondência, no entanto, não ocorre em todos os contextos: existem verbos de concordância em Libras que correspondem a verbos que não apresentam preposição dativa em PB; da mesma forma, sentenças com preposição dativa do PB podem corresponder a verbos simples da Libras (verbos que não apresentam movimento direcional). Essa relação será detalhada e exemplificada adiante.

A hipótese de trabalho é, portanto, a de que verbos de concordância em Libras interferem na aquisição das preposições dativas do PB, no sentido de favorecer o uso dessa categoria nos contextos em que há coincidência em relação ao uso de DIR e de ‘para’. A interferência será negativa nos casos em que o verbo de concordância corresponde a um verbo em português em que não ocorre a preposição dativa. Investigaremos, ainda, a relação dos verbos simples da Libras com os verbos correspondentes em PB que selecionam a preposição dativa. A previsão nesse caso é que haja interferência positiva, tendo em vista a relação entre a transitividade do verbo e a codificação formal do argumento interno marcado para o traço de ‘animacidade’ no sistema pronominal da Libras e pela preposição em português.

Considerando as questões apresentadas, analisaremos, inicialmente, as propriedades do complemento dativo nas línguas orais (LO) para, em seguida, verificarmos se essas propriedades podem ser observadas em verbos de concordância das línguas de sinais (LS). Finalizada essa etapa, analisaremos textos escritos em português por estudantes surdos, visando identificar a interferência

3 Adotamos a abreviatura ‘Libras’ para designar a Língua Brasileira de Sinais, conforme consta na legislação (Lei de Libras). Sabemos que a designação Língua de Sinais Brasileira e a respectiva sigla LSB é igualmente adotada.

4 O uso do rótulo ‘complemento dativo’ tem finalidade essencialmente descritiva, no sentido de distingui-lo de complementos sem preposição (objetos diretos) ou complementos não dativos introduzidos por outros tipos de preposição. Essa questão será retomada adiante, com a devida qualificação dos tipos de complementos envolvidos.

dos tipos de verbos em Libras (concordância e simples) na aquisição das preposições do PB. Os resultados permitem observar que, nas construções que apresentam verbos de concordância em Libras – bitransitivos ou monotransitivos –, há maior ocorrência da preposição ‘para’ nos dados da interlíngua. Essa preposição também está presente na interlíngua quando o verbo correspondente em Libras é simples e bitransitivo.

O artigo está dividido em 6 seções, incluída a introdução. Na seção seguinte (seção 2), detalharemos a relação entre o complemento dativo no PB e os verbos de concordância da Libras. Em seguida, na seção 3, examinaremos as características do complemento dativo nas línguas orais para verificarmos, na seção 4, se essas propriedades se aplicam às estruturas de concordância da Libras. Na seção 5, apresentaremos a metodologia adotada e os resultados da investigação da interlíngua dos surdos, que demonstram a interferência dos verbos de concordância na aquisição das preposições dativas do português. Por fim, na seção 6, apresentaremos as considerações finais.

2. A relação entre o complemento dativo no PB e os verbos de concordância em Libras

De acordo com a tradição gramatical, as construções dativas no PB padrão são aquelas iniciadas pela preposição ‘a’ e que podem ser substituídas pelo clítico ‘lhe’ nos contextos de 3ª pessoa (BECHARA, 2004) (cf. (1a-b) e (2a-b)). No PB vernacular, o complemento dativo é (preferencialmente) introduzido pela preposição ‘para’ (TORRES MORAIS; BERLINCK, 2007), sendo essa a preposição mais recorrente no *input* oferecido aos surdos, assim como a pronominalização pelo pronome tônico na estrutura do sintagma preposicional (cf. 1c e 2c):

- (1) a. Eu entreguei o livro ao menino.
b. Eu lhe entreguei o livro.
c. Eu entreguei o livro para o menino / para ele.
- (2) a. Eu telefonei ao meu amigo.
b. Eu lhe telefonei.
c. Eu telefonei para o menino/ para ele.

No âmbito da linguística gerativa, essas estruturas são amplamente estudadas, havendo diferentes propostas teóricas de análise do argumento dativo nas línguas. A discussão se detém na alternância dativa, pelo ponto de vista lexicalista ou construcionista (cf. KAYNE, 1984; MARANTZ, 1984, 1993; BAKER, 1988; LARSON, 1988; JACKENDOFF, 1990b; EMONDS, 1993; HALE; KEYSER, 1993; DEMONTE, 1995; PESETSKY, 1995; BORER, 1996; LEVIN; HOVAV, 1995; HARLEY, 2003; ANAGNOSTOPOULOU, 2003; PYLKKÄNEN, 2002; CUERVO, 2003; TORRES MORAIS; BERLINCK, 2007), para citar apenas alguns autores engajados nesse importante debate teórico e empírico.

O português brasileiro apresenta propriedades inovadoras em relação ao português europeu na realização do argumento dativo, destacando-se o estudo pioneiro de Ramos (1992), que identifica a perda da preposição ‘a’ nesse contexto sintático, relacionando-a à reanálise do sistema pronominal, com implicações para o surgimento da construção de objeto duplo (e por consequência da alternância dativa) no português brasileiro dialetal, ausente no português europeu e demais línguas românicas. As características inovadoras do argumento dativo no PB suscitam questões interessantes do ponto de vista da teoria de princípios e parâmetros, da mudança linguística e da análise formal das categorias envolvidas, particularmente em relação à natureza do caso oblíquo e ao papel das preposições e seus correlatos formais (cf. SALLES, 1997, TORRES-MORAIS; BERLINCK 2007; TORRES MORAIS; SALLES, 2010, entre muitos outros).⁵

Conforme observam Torres-Morais e Berlinck (2007), o complemento dativo apresenta propriedades que diferem entre as línguas.⁶ Esse argumento pode ocorrer com diversos tipos de verbos (transferência, criação, inacusativos, etc) e apresentar diferentes papéis temáticos (alvo, fonte, benefactivo, possuidor, etc), ocorrendo com verbos bitransitivos e monotransitivos, conforme ilustrado em (1) e (2), respectivamente. Interessantemente, as construções com complementos dativos são, em grande parte, realizadas, em Libras, por verbos de concordância (3 e 4)⁷:

(3) _{1s} ENTREGAR_{3s} LIVRO
‘Eu entreguei o livro para ele’.

(4) _{1s} TELEFONAR_{3s}
‘Eu telefonei para ele’.

5 Não é objetivo deste estudo aprofundar seja a questão teórica em relação às propriedades das estruturas com o argumento dativo, seja as condições que determinam o surgimento da gramática inovadora do PB, uma vez que a pergunta de pesquisa está voltada crucialmente para a análise da interferência da L1 na interlíngua de surdos aprendizes de português (escrito) como L2. Nesse sentido, optamos por um modelo de análise para qualificar formalmente as estruturas envolvidas, sabendo que existem modelos alternativos ou mesmo divergentes nessa discussão, particularmente em relação à perspectiva lexicalista ou construcionista.

6 Interessam ao presente estudo, indiretamente, as estruturas do português brasileiro padrão, por serem usadas na escrita. Além do acesso aos textos escritos (de caráter formal), o ensino de português como L2, no contexto educacional, propicia o acesso a estruturas vernaculares, no desenvolvimento das estruturas da língua. Não houve, neste estudo, o controle sistemático do *input* linguístico a que foram expostos os participantes do experimento. Parte-se da hipótese de que a escolarização é o meio pelo qual o surdo tem acesso às estruturas do português L2 (escrito). Estudos prévios antecipam a incidência de ‘para’ em detrimento de ‘a’ (cf. Mesquita 2008; Mesquita; Salles (2010); Salles *et al*, 2015) na escrita. A presente análise orientou-se no sentido de verificar a ocorrência da preposição ‘para’, que provou ser a categoria mais frequente, na comparação com outras preposições, nos contextos relevantes.

7 Para representar as sentenças da Libras, adotamos um sistema de transcrição que apresenta as seguintes propriedades: a) os sinais da Libras são representados por itens lexicais do português em letras maiúsculas, b) a apontação é representada por ‘IX’; c) as pessoas gramaticais do singular são representadas por 1s, 2s e 3s; d) a localização de um sinal no espaço está representada pelo sinal correspondente com uma letra ou número em subscrito que indica o *locus*. Ex: JOÃO_{1s}: João está associado ao ponto identificado como ‘a’; IX₂: o sinalizador está apontando para a segunda pessoa (adaptado de FELIPE; MONTEIRO, 2007).

Os verbos de concordância em Libras, referidos originalmente por Ferreira-Brito (1995) como verbos direcionais ou flexionados, caracterizam-se por apresentarem um movimento direcional (M), marcando uma trajetória no espaço de sinalização, associada, no ponto inicial, ao sujeito e, no ponto final, ao objeto (alvo). Por hipótese, essa configuração codifica traços flexionais de concordância na estrutura do verbo (QUADROS, 1999; QUADROS; KARNOPP, 2004). Diferem, assim, dos verbos simples, que não apresentam movimento direcional associado aos argumentos do predicado, e dos verbos espaciais, que apresentam orientação para os argumentos locativos.

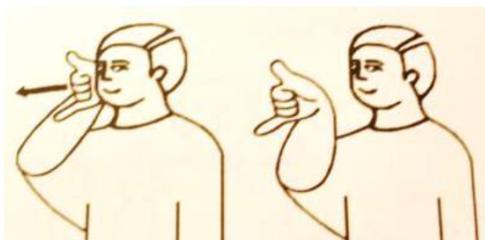
Observem-se as figuras 1 e 2, que representam os verbos ENTREGAR e TELEFONAR dos exemplos acima:

Figura 1: O sinal ENTREGAR em Libras



Fonte: Capovilla *et al.*, (2012, p.1086)

Figura 2: O verbo TELEFONAR em Libras



Fonte: Capovilla *et al.* (2012, p. 2342)

A correspondência entre as línguas⁸, apresentada nos exemplos acima, nem sempre ocorre: há casos em que a sentença com complemento dativo no PB é realizada por um verbo simples da Libras, e há verbos de concordância que não correspondem a uma sentença com complemento dativo no PB. Os quadros abaixo ilustram as relações possíveis entre tipo de verbo em Libras (concordância x simples) e tipo de complemento em PB (preposição dativa x preposição não dativa x sem preposição)

⁸ Neste ponto, cabe frisar que esta análise considera apenas complementos dativos argumentais – excluindo, portanto, sintagmas *benefactivos*. Desconsideram-se também os sintagmas locativos, associados a verbos espaciais em Libras. A complexidade dessas relações está no fato de que as línguas mapeiam as relações argumentais de formas distintas. É o caso, por exemplo, do verbo ‘ajudar’, que seleciona complemento marcado como acusativo em português (pela ausência da preposição), e como dativo em alemão (pela marca do caso dativo na estrutura do DP). Essa diferença translinguística pode ser explicada em termos da forma como a língua realiza a representação do predicado. Conforme sugerem Manzini e Franco (2016), a partir de uma sugestão de Svenonius (2002, citado pelos autores), o contraste paramétrico pode ser expresso na estrutura de complementação, pois uma dada língua pode ser sensível (ou não) à estrutura de subeventos/ estados do predicado. Dessa forma, segundo os autores, a opção positiva do parâmetro seria aquela em que essa relação é marcada por uma categoria relacional, o morfema de caso dativo no alemão. Estendemos essa análise ao morfema DIR em Libras. Essa questão será retomada adiante.

nas duas línguas. No quadro 1, está ilustrada a relação de verbos bitransitivos em Libras e em PB: o grupo I apresenta verbos que selecionam complemento dativo em PB e correspondem a verbos de concordância em Libras, enquanto no grupo II, a relação é entre verbos que selecionam dativo em PB e verbos simples em Libras. Já no quadro 2, está ilustrada a relação de verbos monotransitivos em PB e em Libras: o grupo I apresenta os verbos já especificados anteriormente; o grupo III apresenta verbos que não selecionam dativo em PB e verbos de concordância em Libras; e o grupo IV apresenta verbos que não selecionam dativo em PB e verbos simples em Libras. Cabe notar que os verbos exemplificados nos quadros são encontrados em ambas as línguas⁹.

Quadro 1: A relação dativo-concordância com verbos bitransitivos em PB e Libras.

GRUPO	Português	LIBRAS	Verbos
I	Dativo	Concordância	avisar, contar, dar, entregar, ensinar, enviar, informar, mandar, mostrar, perguntar, responder, vender, pagar.
II	Dativo	Simples	escrever, explicar, falar, dizer, prometer

Fonte: Elaborado pelas autoras

Quadro 2: A relação dativo-concordância com verbos monotransitivos em PB e Libras.

GRUPO	Português	LIBRAS	Verbos
I	Dativo	Concordância	Telefonar, ligar, obedecer
III	Não-dativo	Concordância	A) Preposicionados (no PB) zombar de, cuidar de, bater em, atirar em, mandar em, jogar em.
			B) Não-preposicionados (no PB) abandonar, abençoar, acusar, ajudar, demitir, desprezar, derrotar, influenciar, proteger, provocar, vencer, ver.
IV	Não-dativo	Simples	A) Preposicionados (no PB): pensar em, gostar de, precisar de, concordar com, confiar em
			B) Não-preposicionados (no PB): amar, comer, beber, ter, saber, conhecer.

Fonte: Elaborado pelas autoras

⁹ Alguns verbos em português são realizados por um único sinal em Libras ('dar' e 'entregar'; 'falar' e 'dizer') – essa questão não é relevante para nosso estudo, pois o foco é discutir o fenômeno em função da transitividade dos verbos e do tipo de complemento selecionado. Agradecemos ao parecerista anônimo por apontar a necessidade de esclarecer a existência de formas-significados e usos entre os verbos em PB e em Libras. Trata-se de uma questão complexa que se resolve no nível da análise léxico-conceitual e que vai além do escopo da presente discussão.

Apresentamos, a seguir, exemplos com verbos de cada grupo ilustrado nos quadros, sentenças (3) e (4) (repetidas abaixo), representando o grupo I (dativo-concordância); sentença (5), representando o grupo II (dativo – simples); sentenças (6) e (7), representando o grupo III (não dativo – concordância); sentenças (8) e (9), representando o grupo IV (não dativo – simples):

- | | |
|------------------------------------|----------------------------------|
| (3) 1_S ENTREGAR 3_S LIVRO | ‘Eu entreguei o livro para ele’. |
| (4) 1_S TELEFONAR 3_S | ‘Eu telefonei para ele’. |
| (5) IX_1 ESCREVER CARTA IX_3 . | ‘Eu escrevi uma carta para ele’. |
| (6) 1_S ZOMBAR 2_S | ‘Eu zombei de você’. |
| (7) 1_S AJUDAR 2_S | ‘Eu ajudei você’. |
| (8) IX_1 PENSAR IX_2 | ‘Eu penso em você’. |
| (9) IX_1 AMAR IX_2 | ‘Eu amo você’. |

Conforme mencionado, a hipótese de trabalho é a de que verbos de concordância interferem positivamente na aquisição das preposições presentes nas estruturas dativas do PB. Esses verbos interferem negativamente, quando o verbo correspondente em português seleciona um complemento não dativo. Quanto aos verbos simples, quando seu correspondente em PB seleciona dativo, consideramos que há interferência positiva, tendo em vista seu estatuto bitransitivo, definido pela relação entre sua estrutura léxico-conceptual e a codificação do traço de animacidade do argumento alvo no sistema pronominal (a ser detalhada adiante).

Assumindo a hipótese da Gramática Universal, conforme formulada no quadro teórico gerativista (cf. CHOMSKY, 1995), analisaremos as propriedades formais do complemento dativo de verbos bitransitivos e monotransitivos nas LOs, para verificar a correspondência estrutural em relação aos verbos de concordância das LS (bitransitivos e monotransitivos).

3. O complemento dativo nas línguas orais

Segundo os estudos gerativos, particularmente Chomsky (1986; 1995), o dativo é um Caso inerente, assim designado pela relação temática entre o sintagma determinante (DP) e o núcleo sintático que o seleciona – seja verbal ou nominal. A abordagem que adotamos neste trabalho é a de Manzini e Franco (2016), que assume a correspondência direta entre léxico e sintaxe – um tipo de lexicalismo, com a possibilidade de projeção das propriedades do léxico como sistemas de traços formais articulados por uma teoria de eventos, como no caso da abordagem de Hale e Keyser (1993), admitindo-se igualmente modelos de análise, como o de Ramchand (2008), em que os argumentos são introduzidos por núcleos sintáticos que mapeiam a estrutura do evento, e por categorias lexicais

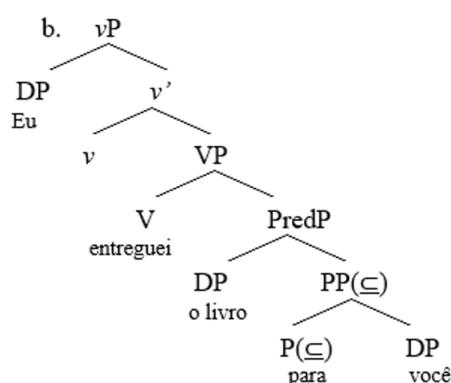
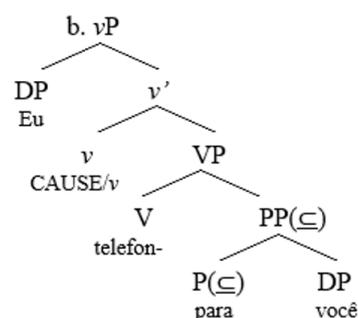
(como preposições), presentes na estrutura interna do predicado.

De acordo com Manzini e Franco (2016), o Caso oblíquo engloba os Casos dativo e genitivo¹⁰, que se caracteriza por denotar uma relação entre dois argumentos, representada por uma noção de inclusividade, identificada pela notação \subseteq . O complemento dativo se identifica pela presença de uma categoria marcadora do argumento alvo, que pode ser uma preposição, nas línguas românicas, ou algum item do léxico, como a flexão de caso no nome, em línguas como o alemão e o latim. Nessa proposta, portanto, tanto a marcação morfológica no sistema pronominal (Q), quanto a preposição (P) realizam a relação de inclusividade como um núcleo sintático (\subseteq), que introduz a relação entre dois argumentos internos (possuído e possuidor). Assim, os complementos dativos são introduzidos na sentença pelo núcleo $P(\subseteq)/Q(\subseteq)$.

O núcleo $P/Q(\subseteq)$ é responsável por representar tanto os dativos presentes em estruturas bitransitivas quanto em estruturas monotransitivas. A relação estabelecida por $Q(\subseteq)$ nos verbos bitransitivos se dá entre o argumento de $Q(\subseteq)$ (alvo) e o argumento tema presente na estrutura do sintagma verbal (VP). No caso dos verbos monotransitivos, os autores propõem que a relação seja entre o argumento dativo (alvo) e um subevento do predicado, este último entendido como uma estrutura que compreende um nível verbal (verbo leve) e um nível nominal. Segundo essa hipótese, os predicados transitivos são bi-eventivos e podem ser analisados como uma estrutura projetada a partir de um nome marcado para um traço eventivo. Essa intuição foi formalizada na análise de Hale e Keyser (1993) e também por Chomsky (1995), por meio da categoria funcional ν , na estrutura do predicado transitivo, que tem o papel de introdutor do argumento externo e de licenciador do argumento interno. Assim, a sentença “Ele me telefonou” teria a estrutura mais abstrata do tipo “Ele me deu um telefonema”.

Adotamos a análise de Manzini e Franco (2016) para os complementos dativos no PB. Dessa forma, o núcleo $P/Q(\subseteq)$ é lexicalizado pela preposição ‘para’ (ou ‘a’, mais restrita à escrita) em verbos bitransitivos e monotransitivos. Apresentamos, a seguir, as estruturas das construções dativas bitransitivas (10) e monotransitivas (11):

¹⁰ A abordagem que adotamos neste trabalho distingue-se da proposta do núcleo aplicativo, entendido como a categoria funcional introdutora do complemento dativo nas línguas (MARANTZ, 1993; PYLKANNEN, 2002). A hipótese do núcleo aplicativo faz uma distinção entre complementos dativos (introduzidos pelo núcleo aplicativo) e oblíquos (introduzidos pela preposição), que conforme explicado acima, não levamos em consideração.

(10) a. Eu entreguei o livro para você.(11) a. Eu telefonei para você.

Na seção a seguir, examinamos análises prévias dos verbos de concordância nas línguas de sinais, além da possibilidade de analisá-los como projeções do núcleo relacional.

4. Os verbos de concordância nas línguas de sinais

Tendo em vista a análise referente ao complemento dativo nas línguas orais, passamos à investigação acerca da estrutura sintática dos verbos de concordância nas línguas de sinais (particularmente a Libras), uma vez que as construções que apresentam esses verbos em Libras podem corresponder a construções com complementos dativos do PB.

Verbos de concordância nas LS – assim como verbos que selecionam dativo nas LOs – podem selecionar um ou dois argumentos internos. Considerando-se a semelhança no mapeamento sintático do argumento interno alvo em ambos os predicados, cabe indagar: é possível atribuir a mesma estrutura sintática na configuração bitransitiva e monotransitiva dos verbos das línguas de sinais? Observem-se os exemplos (12) e (13):

(12) a. ${}_{1S}$ ENTREGAR ${}_{2S}$ LIVRO
b. ‘Eu entreguei o livro para você’.

(13) a. ${}_{1S}$ AJUDAR ${}_{2S}$
b. ‘Eu ajudei você’.

Uma questão que se coloca é se existe diferença na estrutura sintática dos verbos em Libras (12) e (13), a depender da transitividade. Alguns estudos atribuem a mesma análise aos argumentos internos de verbos bitransitivos e monotransitivos (PADDEN, 1983; MEIR, 2002 e RATHMANN; MATHUR, 2002); outros afirmam que são complementos com estruturas sintáticas diferentes (JANIS, 1995; QUADROS; QUER, 2008, 2010). Iniciemos com as abordagens que dão tratamento idêntico a

esses complementos¹¹.

Padden (1983) propõe que verbos de concordância bitransitivos e monotransitivos estabelecem a concordância com o sujeito e com o objeto direto final de forma idêntica. A autora adota o quadro teórico da gramática relacional (PERLMUTTER, 1979 *apud* PADDEN, 1983), para explicar a concordância na Língua de Sinais Americana (ASL). Segundo essa abordagem, uma sentença consiste em uma série de elementos linguísticos, na relação gramatical que eles geram (predicado, sujeito, objeto direto, objeto indireto e relações oblíquas) e no nível em que ocorrem essas relações (inicial e final).

Para explicar a concordância verbal em ASL, Padden (1983) propõe dois modelos de análise. Na primeira, *uni-level analysis*, é estabelecida a regra: o verbo (P) concorda com sujeito (1) e objeto direto (2), caso não haja objeto indireto (3); se houver, o verbo concorda com 1 e 3. A concordância com 1 e 2 seria referente aos verbos monotransitivos (cf. 15), enquanto a concordância com 1 e 3 seria referente aos verbos bitransitivos (cf. 14):

(14) P 1S(ENTREGAR)2S – 1(1S) – 2 (LIVRO) – 3 (2S)

(15) P 1S(AJUDAR)2S – 1 (1S) – 2 (2S)

No segundo modelo de análise, *advancement analysis*, a autora postula uma estrutura com dois níveis (estrato inicial e estrato final) para representar as sentenças bitransitivas. No estrato inicial, é mantida a relação P (predicado) – 1 (sujeito) – 2 (OD) – 3 (OI). Já no estrato final, a relação seria P – (predicado) – 1 (sujeito) – *chômeur* – 2 (OD).¹² A regra para a concordância seria, portanto, simplificada: o verbo concorda com 1 e 2 final. Dessa forma, a estrutura de verbos bitransitivos e monotransitivos seria unificada, pois, em ambos, a concordância se daria sempre com 2 final (cf. 16 e 17):

(16) Estrato inicial: P 1S(ENTREGAR)2S – 1(1S) – 2 (LIVRO) – 3 (2S)

Estrato final: P 1S(ENTREGAR)2S – 1(1S) – *chômeur* (LIVRO) – 2 (2S)

(17) P 1S(AJUDAR)2S – 1 (1S) – 2 (2S)

Meir (2002) também defende a hipótese de que os argumentos internos dos verbos de concordância

11 Não são muito numerosos os estudos que discutem contrastivamente a estrutura sintática de verbos de concordância bitransitivos e monostransitivos nas línguas de sinais. Por esse motivo, apresentamos, neste artigo, a discussão sobre as propriedades desses verbos, sem considerar (ou debater) diferenças nos pressupostos teóricos de cada abordagem, limitando-nos a demonstrar que as análises convergem na identificação do movimento como uma categoria gramatical (e não apenas um parâmetro da estrutura do sinal).

12 Na gramática relacional, o argumento ‘*chômeur*’ é assim designado por corresponder a uma posição sintática não preenchida, que se mantém implícita (ou que foi destituída de sua posição original e movida para uma posição periférica).

bitransitivos e monotransitivos devem receber a mesma análise, adotando uma abordagem baseada na estrutura argumental. Examinado a Língua de Sinais Israelense (ISL), a autora argumenta que os verbos de concordância são formados pela configuração de mão, que corresponde à raiz verbal, por um morfema direcional (DIR), responsável pela marcação de papel temático, e pela orientação da mão, que marca a função sintática. O morfema DIR corresponde ao movimento da trajetória do verbo, que parte do argumento fonte em direção ao argumento alvo. Dessa forma, a autora unifica a presença desse morfema com morfemas das línguas orais como as preposições, observando que, como as marcas de caso nas LOs, DIR, nas LS, pode ser realizado independentemente ou como um morfema preso.

O que diferencia as duas modalidades é que, enquanto nas LOs, se observa a linearidade entre o morfema e a raiz, nas LS, DIR ocorre simultaneamente ao verbo. Ao se afixar a um verbo em LS, DIR define o movimento de sua trajetória em relação aos argumentos dispostos em uma relação semântica fixa: fonte-alvo. O parâmetro da orientação da mão (ponto para o qual a palma da mão – ou as pontas dos dedos – está voltada, é analisado como o marcador de Caso dativo, uma vez que esse parâmetro está sempre voltado para o *locus* em que se situa o argumento interno. As LS, portanto, introduzem o argumento interno com marca de Caso dativo na estrutura do sinal, enquanto o sujeito nominativo não teria nenhuma marca morfológica.

A mesma análise é proposta para os verbos reversos (como ‘pegar’), assim denominados por apresentarem a chamada ‘concordância reversa’: o ponto inicial do movimento é realizado no ponto que corresponde ao objeto, e o ponto final, no *locus* que representa o sujeito. De acordo com Meir (2002), na realização de verbos reversos, o movimento se mantém fonte-alvo, uma vez que o movimento parte do objeto e pelo sujeito respectivamente), e a orientação da mão se mantém voltada para o argumento interno. Assim, de acordo com a autora, os complementos dos verbos de concordância bitransitivos e monotransitivos são formados pelos mesmos elementos e, conseqüentemente, devem apresentar as mesmas funções: semanticamente, a relação fonte-alvo (marcado por DIR) e, sintaticamente, o caso dativo (marcado pela orientação da mão)¹³. Como esses verbos apresentam as mesmas propriedades (DIR e orientação da mão), seus argumentos não devem ser analisados de forma diferente.

Na mesma vertente, Rathmann e Mathur (2002) argumentam que os argumentos internos que participam da concordância nas LS compartilham a mesma posição estrutural em verbos bitransitivos e monotransitivos, o que se aplica também aos argumentos de verbos simples (cf. 18, ilustrado por

¹³ Empregamos o termo ‘caso’ com letra minúscula, conforme adotado por Meir (2002), uma vez que se refere à marcação morfológica.

dados da Libras em 19):

- (18) a. NP (sujeito) V NP (OD inanimado)
b. NP (sujeito) V NP (OD animado)
c. NP (sujeito) V NP (OI animado) NP (OD inanimado)
- (19) a. IX₁ ESTUDAR MATEMÁTICA
b. _{1S}AJUDAR_{2S}
c. _{1S}DAR_{2S} LIVRO

De acordo com essa análise, que leva em consideração a animacidade dos argumentos, os objetos diretos inanimados de (18a) e (18c) ('matemática' e 'livro') compartilham a mesma posição, tanto na estrutura do verbo simples ('estudar') quanto na estrutura do verbo de concordância ('ajudar' e 'dar'). Da mesma forma, o OD animado na estrutura do verbo em (18b)/(19b) deve ser realizado na mesma posição estrutural do OI na estrutura do verbo em (18c)/(19c) (os pronomes de segunda pessoa, glosados como 2S). Segundo Rathmann e Mathur (2002), se essa análise estiver correta, a concordância nas LS seria caracterizada em termos de posição estrutural.

Passemos, agora, às abordagens que dão tratamentos sintáticos distintos aos complementos de verbos de concordância. Iniciemos com a proposta de Janis (1995), que parte da distinção entre objeto direto e objeto indireto. Nessa análise, a autora propõe uma hierarquia que considera casos, funções sintáticas e papéis temáticos para definir o argumento controlador da concordância. Deste modo, o objeto indireto tem preferência como controlador de concordância, seguido do objeto direto e, por último, do sujeito. Janis (1995), portanto, distingue as funções de objeto direto e objeto indireto – este, presente na estrutura do verbo bitransitivo (assim como o objeto direto); aquele, presente na estrutura do verbo monotransitivo.

Quadros e Quer (2008, 2010) também atribuem propriedades sintáticas aos complementos dos verbos de concordância monotransitivos e bitransitivos: objeto direto e objeto indireto, respectivamente. Essa análise apoia-se na relação entre papel temático e função sintática do argumento interno: o argumento alvo corresponde ao objeto indireto, e o argumento tema, ao objeto direto. Segundo Quadros e Quer (2008, 2010), uma das fragilidades da análise de Meir (2002) é a generalização de que o movimento da trajetória (DIR) é sempre fonte-alvo. Para os autores, essa correlação não se sustenta, uma vez que, nos verbos monotransitivos, o argumento interno tem o papel temático de tema – sendo portanto, um argumento acusativo.

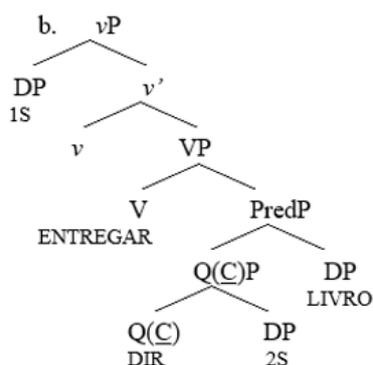
Outro exemplo, segundo Quadros e Quer (2008), de que o movimento da trajetória não é fonte-alvo está nas construções que apresentam verbos auxiliares em libras. Tais verbos têm a função

de realizar a concordância, no nível morfológico, quando unido a um verbo, pelo movimento, cuja trajetória parte do sujeito em direção ao objeto. Quadros e Quer (2008) observam que, nesse caso, se trata do mesmo morfema direcional (DIR) postulado por Meir (2002), com a diferença de que, quando ocorre com a função de verbo auxiliar, não é realizado simultaneamente ao verbo, mas linearmente. A questão é que o auxiliar apresenta o movimento da trajetória do sujeito ao objeto, mesmo se o verbo a que se liga é do tipo de reverso, em que a orientação é fonte-alvo (cf. 20 com o verbo reverso PEGAR). Assim, segundo Quadros e Quer, não é possível manter a análise unificada de Meir, uma vez que a padronização do movimento (fonte-alvo) estipulada pela autora não se mantém em todos os casos.

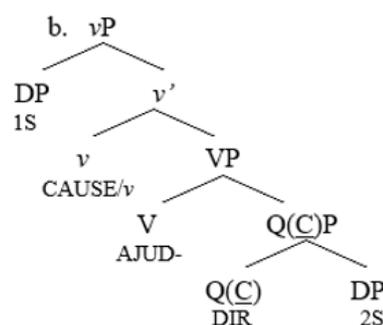
(20) IXx IXy xAUXy (y)PEGAR
 ‘X pegou Y’

Os estudos citados apresentam divergências em relação ao enquadramento teórico ou às propriedades postuladas. No entanto, pode-se dizer que as análises convergem na identificação do movimento direcional como uma categoria gramatical, e não apenas um parâmetro da estrutura do sinal. Apesar de reconhecer que os papéis temáticos são distintos, adotamos a hipótese de que verbos de concordância bitransitivos e monotransitivos apresentam a mesma estrutura sintática. Em particular, seguimos a análise de Manzini e Franco (2016) em relação a complementos dativos nas LOs, e assumimos que verbos de concordância bitransitivos e monotransitivos em LSs são projeções da categoria relacional P/Q (\subseteq), lexicalizada pelo movimento direcional (morfema DIR) (cf. 21 e 22), em oposição a verbos simples monotransitivos, que não apresentam tal núcleo (cf. 23):

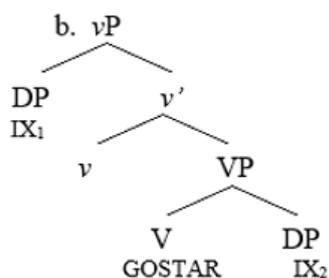
(21) a. 1sENTREGAR_{2s} LIVRO (‘Eu entreguei o livro para você’).



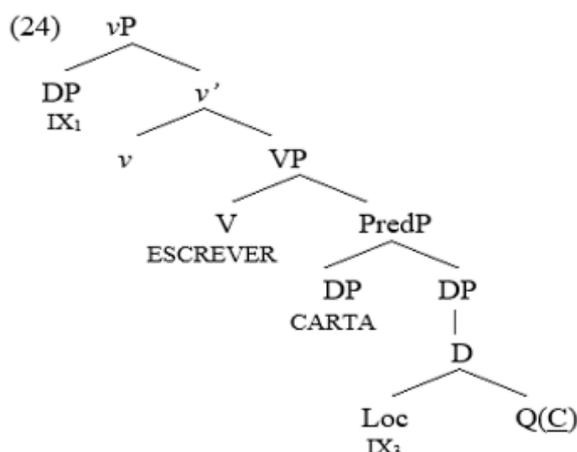
(22) a. 1sAJUDAR_{2s} (‘Eu ajudei você’)



(23) a. IX₁ GOSTAR IX₂ (‘Eu gosto de você’)



Resta, ainda, explicar a estrutura das sentenças com verbos simples bitransitivos como IX₁ ESCREVER CARTA IX₃ ('Eu escrevi uma carta para ele'). Por se tratar de um predicado bitransitivo, propomos que a relação entre os dois argumentos internos é mediada pela categoria relacional, exatamente como no caso do verbo de concordância, embora, nesse caso, a presença do núcleo relacional esteja associada ao argumento alvo determinado na estrutura léxico-conceitual do verbo, o que implica a ocorrência de uma construção mediada por Q(C).



A hipótese de que o núcleo de inclusividade está presente na estrutura do sintagma determinante (DP) tem como correlato a codificação do caso dativo no sistema pronominal, em diferentes línguas (como 'lhe', no português, e 'le', no espanhol) – também associado ao traço de animacidade. Embora o sistema pronominal da Libras não inclua um contraste desse tipo, consideramos a possibilidade de que o sinal de apontação (IX), nessa estrutura, tenha uma realização marcada.¹⁴

5. Examinando a interlíngua dos surdos

Nesta seção, apresentamos o resultado parcial (com adaptações) de teste¹⁵ com os estudantes surdos, realizado por Mesquita (2019), para verificar a interferência dos verbos de concordância da Libras na aquisição das estruturas dativas do português.

14 O traço [+animado] é inerente ao pronome de 1ª e 2ª pessoa, em oposição à 3ª pessoa (BENVENISTE, 1966). Na análise de Manzini e Franco (2016), a presença do operador de transferência de posse (material ou cognitiva), na estrutura do predicado, atribui o traço relacional (⊆) ao argumento alvo, gramaticalizando o traço [+animado]. A possibilidade de o sistema pronominal da Libras apresentar marcação distintiva com esses verbos (seja na realização da apontação, por um movimento mais alongado, seja por marcação não manual (direção do olhar), ou ainda pelo uso do movimento orientado para argumento alvo na realização do verbo) nos foi sugerida por Ronice Quadros (c.p.). Essa hipótese requer estudo mais aprofundado.

15 Os testes foram submetidos e aprovados pelo Comitê de Ética em Pesquisa, do Instituto de Ciências Humanas (CEP/IH) da Universidade de Brasília (Parecer número 3.036.218).

5.1 Metodologia

5.1.1 Participantes

Participaram do experimento 29 surdos, com idades entre 21 e 37 anos, congênitos (ou ensurdecidos antes dos três anos de idade), bilaterais, com grau de surdez profundo ou severo. Todos os estudantes são usuários de Libras. O primeiro contato com essa língua se deu fora do ambiente familiar, uma vez que seus pais são ouvintes¹⁶.

O teste foi realizado em duas escolas distintas – que denominaremos escola A e escola B. Conforme amplamente referido nos estudos surdos, a escola é o contexto primordial de acesso à língua oral (na modalidade escrita) pelo surdo. Disso decorre uma situação de bilinguismo peculiar, em que a LS é a primeira língua – pelo imperativo da adequação à condição perceptual dessas pessoas – e a LO é desenvolvida primordialmente no contexto educacional, na modalidade escrita, por ser essa modalidade igualmente a mais adequada.¹⁷

Os participantes do experimento apresentam os seguintes níveis de proficiência do PB: iniciante (8 estudantes), básico (10 estudantes) e intermediário (11 estudantes). Os informantes estão identificados pelas iniciais de seu nome, acrescido do número que corresponde ao nível de proficiência: 1 (iniciante), 2 (básico), 3 (intermediário).

O mesmo teste foi aplicado a um grupo de controle formado por 10 ouvintes, com idade entre 18 e 35 anos. Os resultados em relação ao grupo controle não são discutidos neste estudo, cabendo ressaltar apenas que a previsão do teste mostrou-se compatível com a produção nativa.

5.1.2 Materiais

O experimento consistiu em um teste semi-estruturado de produção eliciada, em que os participantes deveriam escrever uma frase de acordo com a imagem, utilizando as palavras escritas

16 Para a maioria dos participantes, o contato com a Libras se deu até a adolescência (somente três participantes adquiriram a Libras na fase adulta). Optamos por manter todos os participantes na pesquisa e não controlamos essa variável na análise, embora saibamos que o período de aquisição de L1 tem significado importante, tendo em vista a hipótese do período crítico (Lennenberg, 1967). Consideramos como variável principal o grau de surdez (profundo ou severo). A Libras é tida como a L1 dos participantes da pesquisa, uma vez que a modalidade visual é a mais adequada ao surdo e todos os participantes se consideram proficientes na língua. Agradecemos ao parecerista que nos ressaltou a importância do período de aquisição da Libras. Consideraremos essa questão em estudo futuro.

17 Dessa situação decorre um caso especial de bilinguismo, no qual o uso do português (escrito) como segunda língua é funcionalmente restrito (mas inevitável, no contexto da escolarização), enquanto a L1 assim se define pelo imperativo da condição perceptual do falante, mesmo que não corresponda à situação (ideal) de acesso na primeira infância. São inúmeros os estudos surdos que qualificam essa situação, destacando-se Skliar (1996). Em relação ao bilinguismo dos surdos, considere-se a contribuição de Quadros (1997), Fernandes (2003), entre muitos outros.

em cada balão (cf. figuras 3 e 4).¹⁸ Essas palavras referiam-se ao argumento externo, aos argumentos internos e aos verbos contidos nos grupos ilustrados no quadro 3 abaixo:

Quadro 3: Verbos utilizados no experimento.

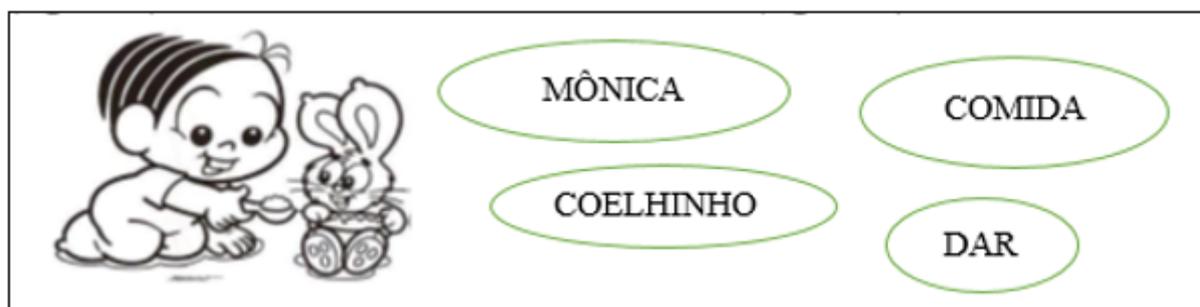
GRUPO	PB	LIBRAS	Verbos testados
I	Dativo	Concordância	dar, ensinar, responder, contar, telefonar
II	Dativo	Simples	escrever, explicar, falar, dizer, prometer
IIIA	Preposicionado	Concordância	zombar de, cuidar de, bater em, atirar em, mandar em
IIIB	Não-preposicionado	Concordância	ajudar, acusar, abandonar, ver, vencer
IVA	Preposicionado	Simples	pensar em, gostar de, precisar de, concordar com, confiar em
IVB	Não-preposicionado	Simples	amar, comer beber, ter, saber

Fonte: elaboração própria.

O Quadro 3 ilustra a relação entre tipo de complemento no PB (dativo e não dativo) e tipo de verbo em Libras (concordância e simples), que já foi descrita nos quadros 1 e 2 (seção 2). No quadro 3, estão exemplificados apenas os verbos usados no experimento: 5 verbos de cada grupo, que resultou em um total de 30 sentenças por participante.

Abaixo, apresentamos dois exemplos das imagens utilizadas, uma com verbo bitransitivo (figura 3) e outra com verbo monotransitivo (figura 4):

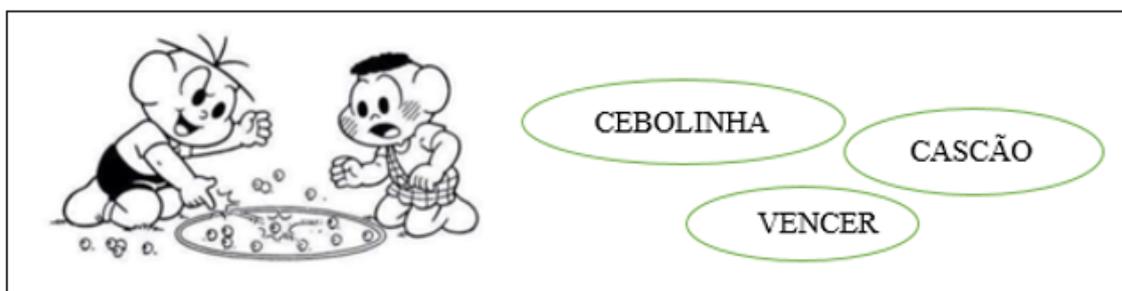
Figura 3: Imagem usada no experimento – verbo DAR (cf. Colorir.org).



Fonte: elaboração própria

¹⁸ Na pesquisa de Mesquita (2019), foram realizados mais dois testes (julgamento de gramaticalidade e preenchimento de lacunas), que não constam neste artigo devido à limitação de espaço.

Figura 4: Imagem usada no experimento – verbo VENCER (cf. Colorir.org).



Fonte: elaboração própria

5.1.3 Procedimentos

O teste foi realizado em duas escolas distintas – escola A e escola B, como afirmado anteriormente. A escola A, mantida pela Secretaria de Estado de Educação do Distrito Federal – SEEDF – fornece atendimento a alunos surdos, bem como a professores, intérpretes e comunidade interessada.

Antes da aplicação do teste, foi entregue aos participantes uma lista com os verbos do experimento e o respectivo sinal em Libras. A pesquisadora leu cada verbo com os participantes para se certificar de que todos conheciam a palavra em português e o sinal em Libras. Alguns alunos desconheciam o verbo ‘zombar’, em português, mas conseguiram identificar o seu sentido pelo sinal correspondente em Libras. No que se refere aos sinais em Libras, todos os participantes conheciam os sinais ilustrados.¹⁹

Também foi solicitado aos participantes que informassem à pesquisadora se algum daqueles verbos poderia ter um sinal diferente do ilustrado. A nossa preocupação era identificar se algum verbo, analisado como sendo de concordância em Libras, também poderia ter como sinal variante um verbo simples (e vice-versa) – o que ocorreu com os verbos simples ‘explicar’, ‘falar’ e ‘dizer’. Alguns participantes apresentaram para esses verbos sinais que apresentam movimento direcional – o que muda o seu *status* para verbo de concordância.

Concluída essa etapa, iniciamos o teste. O enunciado foi apresentado em Libras, pela pesquisadora, aos participantes.

¹⁹ Em resposta ao questionamento de um parecerista anônimo, informamos que não houve discussão com os participantes em relação às propriedades gramaticais dos verbos da Libras e do português, abordados no estudo, no sentido de estabelecer identificação entre o parâmetro do movimento e a preposição ‘para’. O objetivo era investigar um estado da interlíngua em relação ao uso (ou não) da preposição nos contextos relevantes – e não o de testar o desempenho do aprendiz a partir de uma orientação prévia.

5.2 Apresentação e discussão dos resultados

Nesta subseção, apresentamos os resultados do experimento realizado por Mesquita (2019), com ênfase apenas nos resultados globais – os dados não serão analisados em função dos níveis de proficiência dos participantes, nem em função dos participantes tomados individualmente. Esse recorte tem por objetivo primordial demonstrar o efeito da interferência da L1, por um lado, e desenvolver novas perspectivas de análise dos resultados, em relação ao trabalho citado, por outro.

Inicialmente, retomamos nossa hipótese de trabalho. Com relação à aquisição de L2, adotamos a Hipótese do Acesso Parcial à GU: a L1 é o estado inicial do processo de aquisição de L2, e o aprendiz dispõe apenas dos parâmetros da L1 e dos princípios invariantes da GU (WHITE, 2003). Seguindo White (2003), consideramos a L1 como o estado mental inicial, enfatizando que as representações da interlíngua admitem a interferência da L1 e não exclui o acesso aos princípios invariantes da GU (cf. CRAATS *et al.*, 2000), mediante o acesso ao *input* linguístico. Dessa forma, não é crucial, neste trabalho, investigar o caráter parcial ou total do acesso à GU, mas antes, as propriedades formais da L1 e da língua alvo, esta última definida em função do *input* linguístico disponível ao aprendiz. Se há coincidência paramétrica entre a L1 e a L2, a interferência é positiva, se os valores paramétricos são divergentes, a interferência é negativa. Nesse sentido, a hipótese de trabalho é a de que a interferência positiva da L1 favorece o desenvolvimento linguístico em direção à língua alvo, enquanto a interferência negativa da L1 desfavorece a convergência. As fases da interlíngua consistem nas etapas que conduzem à convergência em relação à língua alvo, mediante o acesso ao *input* da L2 e a interferência positiva, por um lado, e a redução da interferência negativa, por meio de mecanismos de compensação, como alinhamentos por traços semânticos, estratégias de memorização, entre outros, por outro (cf. TSIMPLI; ROUSSOU 1991).

Neste estudo, investigamos a hipótese da interferência da L1, considerando os dados globais gerados pelos participantes, independentemente do grau de proficiência. A análise do resultado global permite verificar, preliminarmente, o efeito da interferência da L1. Passamos, em seguida, à análise dos dados em função do nível de proficiência, que permite verificar os detalhes do desenvolvimento linguístico, ou seja, se o traço examinado é favorecido, em função dos grupos identificados – no caso, iniciante (1), básico (2), intermediário (3). Por hipótese, a interferência positiva da L1 favorece o desenvolvimento linguístico, mediante o acesso ao *input* da L2. Na análise por nível de proficiência, o efeito é examinado pelo ponto de vista do uso da preposição (em oposição à ausência da preposição e demais estratégias).

Com relação ao complemento dativo, partimos da hipótese (cf. seção 4) segundo a qual o PB e a Libras apresentam a mesma estrutura sintática: o complemento dativo é realizado por um núcleo

relacional P/Q(\subseteq), categoria que denota uma relação de transferência de posse entre dois argumentos internos na estrutura de verbos bitransitivos e a uma relação entre um argumento interno e um subevento na estrutura eventiva de verbos monotransitivos (cf. seções 3 e 4) (MANZINI e FRANCO, 2016). No PB, esse núcleo é lexicalizado pela preposição ‘para’ (ou ‘a’, mais restrita à escrita) em verbos bitransitivos e monotransitivos; em Libras, o núcleo P/Q(\subseteq) é lexicalizado pelo morfema direcional (DIR), em verbos de concordância. Em verbos simples bitransitivos (sem concordância), partimos da hipótese de que a transferência é expressa em uma estrutura que inclui a relação entre os dois argumentos internos, Y e Z, como se depreende da estrutura léxico-conceptual (X [CAUSAR Y [TER Z]]), em que o argumento Y é interpretado como alvo e marcado para o traço [+animado], o que explica sua relação, na estrutura do predicado, com o núcleo Q(\subseteq). (cf. 24 acima).

Na análise, realizamos uma comparação entre os grupos de verbos I, II, IIIA, IIIB, IVA e IVB (seção 2), para verificar a interferência da L1 na interlíngua. Na investigação, observamos dois pontos principais: (a) ocorrência de preposições em geral, em oposição a ausência de preposição (SP), e outras estratégias de estruturação do predicado; (b) ocorrência da preposição ‘para’, em relação à presença do núcleo relacional na estrutura do verbo em Libras. Apresentamos, a seguir, os subtotais para as variáveis PREPOSIÇÃO e DEMAIS estratégias (cf. TABELA 1):

Tabela 1: Resultado do teste - uso de preposições e uso de ‘para’

		GRUPO I	GRUPO II	GRUPO IIIA	GRUPO IIIB	GRUPO IVA	GRUPO IVB
PREPOSIÇÃO	A	7,6%	4,1%	1,4%	0,7%	0,7%	-
	A*	2,8%	7,6%	1,4%	-	-	-
	PARA	34,5%	31,7%	7,6%	2,8%	-	-
	COM	3,4%	1,4%	4,8%	3,4%	6,9%	0,7%
	DE	1,4%	0,7%	6,2%	0,7%	19,3%	6,2%
	EM	-	0,7%	4,8%	-	8,3%	0,7%
	POR	-	-	-	0,7%	-	-
	SOBRE	-	-	-	-	0,7%	-
Subtotal PREP		49,7%	46,2%	26,2%	8,3%	35,9%	7,6%
DEMAIS	SP	36,6%	31%	64,8%	87,6%	53,8%	77,9%
	OUTRO	0,7%	0,7%	-	-	-	0,7%
	SC	10,3%	19,3%	3,4%	2,1%	4,8%	9%
	NV	1,4%	0,7%	4,1%	0,7%	4,1%	4,8%
	NI	1,4%	2,1%	1,4%	-	0,7%	-
	NR	-	-	-	1,4%	0,7%	-
Subtotal		50,3%	53,8%	73,8%	91,7%	64,1%	92,4%
TOTAL		100%	100%	100%	100%	100%	100%

Fonte: elaboração própria

No cenário ‘PREPOSIÇÃO’, encontramos a porcentagem do uso de cada preposição empregada por grupo de verbos e, ao final (‘Subtotal PREP’), o total das sentenças preposicionadas. Conforme ilustrado, as preposições empregadas foram ‘a’, ‘a*²⁰’, ‘para’, ‘com’, ‘de’, ‘em’, ‘por’ e ‘sobre’. Já no cenário ‘DEMAIS’, encontram-se sentenças sem preposição (SP), sentenças com elemento de outra categoria gramatical (OUTRO), sentenças sem complemento (SC), casos em que o participante não empregou o verbo solicitado (NV), sentenças de difícil interpretação (NI) e casos em que o participante não respondeu a questão (NR). O total geral (TOTAL) é a soma do subtotal dos dois quadros.

Assim, apresentamos inicialmente os resultados, tendo como foco a investigação comparativa entre os grupos de verbos, para verificar a interferência da estrutura da Libras em relação ao uso das preposições na interlíngua. A previsão é que o uso de preposições será favorecido nas estruturas em que o verbo do PB corresponder a um verbo que selecione núcleo de inclusividade, P/Q(⊆), em Libras: verbos de concordância (grupos I, IIIA e IIIB) ou verbos simples bitransitivos que selecionem um argumento alvo, também marcado pelo núcleo de inclusividade (Q(⊆)) (grupo II). Esse uso será convergente ou não com o português, a depender da escolha da preposição, e da presença ou não da preposição na estrutura do predicado na língua alvo. Diferentemente, nas estruturas que correspondem a verbos monotransitivos simples (sem concordância) (grupo IV), o aprendiz deverá desenvolver esse conhecimento com base nos dados do *input* linguístico e não por interferência da Libras (já que o verbo correspondente em Libras não é marcado por DIR nem manifesta o núcleo de inclusividade). Nesse sentido, a previsão é que as estruturas sintáticas similares nas duas línguas favorecem a produção de estruturas convergentes (interferência positiva da L1).

Considerando o subtotal em relação a variável dependente ‘presença de preposição’, observamos, na Tabela 1, que o maior número de complementos preposicionados ocorreu nos grupos I (49,7%) e II (46,2%), em oposição às ‘demais estratégias’ (sem preposição (SP) e outras). De acordo com diversos modelos de análise de aquisição de L2 (AL2), a opcionalidade é um fenômeno que caracteriza a gramática da interlíngua (Sorace, 2003). Nesse sentido, a existência de variação permite extrair conclusões sobre as características da interlíngua e do processo de AL2 quanto ao desenvolvimento linguístico. A comparação com os demais grupos evidencia um percentual menor no uso da preposição, em ordem decrescente, nos grupos IVA (35,9%), IIIA (26,2%) e IIIB (8,3%). A menor taxa de uso da preposição é observada no grupo IVB (7,6%). Em perspectiva global, o uso da

20 Em alguns casos, não foi possível identificar se o elemento ‘a’ empregado se tratava de preposição ou artigo (como, por exemplo, nesta sentença: O Cascão telefonou a Mônica (CM, 3)). Optamos por considerá-la uma preposição, mas, tendo em vista a nossa incerteza, identificamos esse elemento com um asterisco.

preposição na estrutura do predicado como introdutora do argumento interno na interlíngua pode ser considerado evidência de desenvolvimento linguístico, por indicar conhecimento em relação ao uso dessa categoria nesse contexto sintático – ausente na L1 (o movimento direcional (DIR) é considerado um morfema codificador do caso dativo, mas não uma preposição).²¹

Em relação ao uso da preposição ‘para’, os resultados são os seguintes. O grupo I, que inclui verbos bitransitivos (‘dar’, ‘ensinar’, ‘responder’, ‘contar’) e monotransitivos (‘telefonar’), que selecionam a preposição dativa no PB e o movimento direcional (DIR) nos verbos correspondentes em Libras, parece confirmar a hipótese inicial de trabalho de que os verbos de concordância interferem positivamente na aquisição de preposições dativas do português, confirmando-se a relação dessa categoria com o núcleo P/Q(\subseteq), lexicalizado pelo morfema DIR em Libras. Observa-se, em especial, a presença da preposição ‘para’ em 34,5% das ocorrências, contra 15,2% de todas as outras preposições (cf. 25):

(25) Mônica dá comida para o coelhinho. (RC, 2)

No grupo II, de verbos bitransitivos (como ‘explicar’, ‘escrever’, ‘falar’, ‘dizer’, ‘prometer’), que selecionam a preposição dativa no PB, mas não apresentam o morfema DIR (verbo simples) no verbo correspondente em Libras, também observamos um alto número de sentenças preposicionadas (46,2%) (tabela 1). Nesse caso, os surdos também utilizaram muitas preposições, com destaque para a preposição ‘para’ (31,7%), contra 14,5% em relação ao uso de outras preposições (cf. 26):

(26) O Cascão **disse para** a Mônica. “Oi”. (DA, 3)

Como proposto na seção 4, o núcleo P/Q(\subseteq) é selecionado na estrutura dos verbos do grupo II, e introduz um argumento marcado para o traço [+animado], tendo em vista a hipótese de que apresentam um operador de transferência em sua estrutura léxico-conceitual. Enquanto no PB e nos verbos de concordância em Libras, o núcleo de inclusividade é lexicalizado pela preposição ‘para’ e por ‘DIR’, respectivamente, no caso dos verbos simples em Libras, DIR não está lexicalizado como um morfema independente na estrutura do verbo. Diante disso, mediante a comparação com línguas em que essa propriedade está presente no sistema pronominal, como no caso dos pronomes marcados para o caso dativo, (como ‘lhe’, do português, ‘le’, do espanhol), propomos que o núcleo de inclusividade é lexicalizado na estrutura do DP pronominal como uma categoria do tipo Q(\subseteq), por ser marcado para o traço de animacidade. Por hipótese, a presença do operador de transferência

21 Remetemos o leitor ao estudo de Mesquita & Salles (2010) para uma discussão em relação à presença da categoria preposição na Libras, em que se conclui que essa categoria está presente na língua no inventário das categorias lexicais, excluindo-se o contexto da complementação verbal.

na estrutura léxico-conceitual desses predicados determina que o núcleo Q(\subseteq) seja projetado na estrutura sintática do DP em Libras, que realiza o argumento alvo. Nesse sentido, como nos verbos do grupo I, com movimento direcional (DIR), pode-se supor que a presença desse núcleo, nos verbos do grupo II, interfere positivamente na aquisição da preposição do português.

O grupo III é dividido no subgrupo IIIA, de verbos monotransitivos (como ‘zombar’, ‘cuidar’, ‘atirar’, ‘mandar’, ‘bater’), que selecionam preposição não dativa no PB, e movimento direcional (DIR) no verbo correspondente em Libras, e no subgrupo IIIB, de verbos monotransitivos (como ‘ajudar’, ‘acusar’, ‘ver’, ‘vencer’, ‘abandonar’), que não selecionam preposição no PB, mas apresentam movimento direcional (DIR) no verbo correspondente na Libras. De acordo com a presente análise, a estrutura sintática dessas construções difere nas duas línguas. Com relação aos verbos do grupo IIIA, por hipótese, existe uma relação de transferência; no entanto, em português, a preposição utilizada não marca orientação para um alvo, mas o ponto em que se situa esse alvo (o que explica o uso das preposições locativas ‘de’ e ‘em’). Nesse sentido, o núcleo P/Q(\subseteq) não é selecionado no PB, e o argumento interno é realizado como um complemento oblíquo (preposicionado). Diferentemente, em Libras, os verbos desse grupo são realizados por movimento direcional (DIR). Nesse sentido, o núcleo relacional P/Q(\subseteq) está presente nesses verbos, lexicalizado por DIR, uma vez que denota orientação para um alvo. Já no grupo IIIB, no PB, os verbos realizam o argumento interno sem preposição (objeto direto); enquanto em Libras, essas construções também são analisadas como tendo um núcleo P/Q(\subseteq), lexicalizado por DIR. Em IIIA e IIIB, DIR denota uma relação entre o argumento interno e o componente nominal da estrutura do predicado. Conforme mencionado anteriormente, a relação com o componente nominal da estrutura do predicado pode ou não estar codificada por meio de um núcleo relacional – o que explica o contraste translinguístico entre o PB e a Libras (cf. seção 3 e 4).

Em IIIA, observamos um alto número de estruturas não preposicionadas (64,8%), superando as construções com preposição (26,2%), apesar da presença do morfema DIR em Libras. Esse alto índice de estruturas sem preposição pode ser explicado por uma divergência entre a estrutura da L1 e os dados do *input*: em Libras, a marcação do argumento interno se dá pelo morfema DIR, que realiza um movimento em direção ao alvo; já no PB, como mencionado, as preposições denotam o ponto (estático) de localização do argumento interno, sendo, portanto, um tipo de complemento locativo. Assim, a preposição no PB não denota direcionalidade, embora as propriedades léxico-conceituais do verbo nas duas línguas descrevam uma orientação para um alvo. Deste modo, o alto índice de estruturas sem preposição pode ser explicado diante da inconsistência sintático-semântica entre a estrutura da L1 e o uso da preposição nos dados do *input*. Entretanto, é interessante observar que, nas estruturas em que ocorre o uso da preposição, a preposição ‘para’ (divergente do PB) é a mais

empregada, com 7,6% de ocorrência. Conclui-se que existe interferência (positiva) da L1 em relação ao uso de preposição nesse contexto sintático, determinada pela presença do morfema DIR nos verbos correspondentes da Libras. No entanto, em relação à escolha do item lexical, não sendo convergente com a língua alvo, caracteriza a interferência (negativa) da L1 (cf. 27):

(27) O Cebolinha e Cascão se **zombaram** para a Mônica. (DA, 3)

Outra preposição que ocorre no grupo IIIA é ‘com’, também divergente em relação à língua alvo. Sua ocorrência nos dados pode estar relacionada ao fato de que essa preposição denota inclusividade. Nesse sentido, a presença da preposição ‘com’ pode ser considerada um efeito de interferência (positiva) da L1, em relação ao uso da preposição nesse contexto sintático. Ainda que a frequência no uso desse item seja baixa, sua ocorrência, considerada juntamente com o uso da preposição ‘para’, aponta para a tendência de favorecimento na presença do núcleo de inclusividade P/Q(\subseteq) nos verbos desse grupo em Libras (cf. 28), embora não convergente, em relação à escolha do item lexical:

(28) A Mônica **bate** com Cebolinha. (GC, 2)

Passemos, agora, ao grupo IIIB, que também apresenta mais sentenças com o argumento interno sem preposição (87,6%) do que preposicionadas (8,3%) (cf. tabela 1), mesmo com a presença do morfema DIR em Libras. No PB, o argumento interno dos verbos desse grupo é realizado sem preposição. Uma explicação para esse resultado seria a ausência da preposição nos dados do *input*. No entanto, assim como em IIIA, merece referência o uso de preposição na estrutura do predicado e, particularmente, o índice mais alto da preposição ‘para’, o que remete à estrutura dos verbos desse grupo em Libras, em que se verifica a presença de DIR. Ainda que a frequência seja muito baixa, como evidência de opcionalidade, essas ocorrências podem ser analisadas como interferência (negativa) do núcleo relacional (DIR) da Libras (cf. 29) (cf. para um resultado semelhante, veja-se Mesquita & Salles, 2010):

(29) A Magali **acusou** para o gato. (CB, 3)

Os resultados em relação aos grupos I, II, IIIA são consistentes com a hipótese de trabalho, no sentido de demonstrar a interferência do morfema DIR, na estrutura dos verbos da L1, em relação ao uso da preposição ‘para’: ainda que com frequências diferentes, e consequência diferentes para a convergência, pelas razões referidas anteriormente, verifica-se que o uso da preposição ‘para’ se destaca em relação às demais preposições. O grupo IIIB só não se alinha com os anteriores pelo fato de que o uso da preposição ‘com’ concorre com o de ‘para’, mas a manifestação de ambas pode ser vinculada ao morfema DIR, pois denotam relação de inclusividade.

O grupo IV é dividido no subgrupo IVA, formado por verbos monotransitivos (como ‘pensar’, ‘gostar’, ‘precisar’, ‘concordar’, ‘confiar’), que selecionam preposição não dativa no PB e verbos simples na Libras, e no subgrupo IVB, formado por verbos monotransitivos (como ‘amar’, ‘comer’, ‘beber’, ‘ter’, ‘saber’), que selecionam complemento sem preposição (objeto direto) no PB e verbos simples na Libras. Iniciemos por IVA: verificamos que as sentenças com complementos sem preposição ocorrem com maior frequência (53,8%) do que as sentenças com complementos preposicionados (35,9%). Do ponto de vista global, esse resultado está de acordo com a hipótese de trabalho, uma vez que, segundo a presente análise, os verbos simples monotransitivos da Libras não selecionam núcleo $Q(\subseteq)$, que, por hipótese, interfere (positivamente) na aquisição das preposições, particularmente a preposição ‘para’ (cf. 30):

(30) A Magali comida **pensar** _ (SK, 1)

No entanto, merece destaque o percentual de 35,9% de complementos preposicionados, uma vez que a presença de complementos preposicionados (não dativos) no PB configura um contraste paramétrico em relação à Libras. Tendo em vista a hipótese do acesso parcial à GU, assumimos que, na aquisição dessas estruturas, o aprendiz faz uso de estratégias de compensação, que são estratégias independentes da GU. Em particular, o desenvolvimento das estruturas da língua alvo será apoiado na relação composicionalidade semântica entre o verbo e a preposição, mediante o acesso ao *input* da língua alvo – por exemplo, o verbo ‘pensar’ seleciona um argumento tema, que é introduzido na estrutura do predicado por meio da preposição locativa ‘em’. A mesma hipótese se aplica aos outros verbos, em que a preposição selecionada pode ser ‘com’ ou ‘de’. É interessante notar que não há nenhuma ocorrência da preposição ‘para’ nos dados da interlíngua no grupo IVA – o que pode ser uma confirmação indireta da interferência de DIR na aquisição dessa preposição.

O grupo IVB também apresenta uma porcentagem superior de estruturas não preposicionadas em relação às preposicionadas (77,9% e 7,6%, respectivamente) (cf. tabela 1). Uma vez que esse grupo é formado por verbos simples em Libras e por complementos não preposicionados no PB, era esperado que os participantes produzissem mais estruturas sem preposição. A presença das preposições, entretanto, merece consideração: por um lado, não se verifica o uso da preposição ‘para’, o que pode ser uma confirmação (indireta) da hipótese sobre a relação dessa preposição com o morfema DIR (e sua realização sintática como núcleo de inclusividade $P/Q(\subseteq)$); por outro lado, o uso de preposições como ‘com’, ‘de’ e ‘em’, ainda que com baixa frequência, aponta para a situação de opcionalidade, típica do desenvolvimento linguístico de L2. Apesar da coincidência paramétrica entre o PB e a Libras, no sentido de realizar o complemento como um objeto direto (supostamente, a opção

default), é possível supor que o aprendiz generaliza para esse grupo a estratégia adotada nos outros grupos, em relação ao uso da preposição como introdutora do complemento verbal. Nesse sentido, é possível analisar o uso dessas preposições em termos dos traços lexicais envolvidos – trata-se de preposições cuja conteúdo semântico é compatível com a estrutura léxico-conceitual dos verbos em questão. Por exemplo, com o verbo ‘amar’, em que ocorreu a preposição ‘com’, é possível supor a composicionalidade semântica entre a leitura estativo-comitativa da preposição ‘com’ e a denotação do verbo psicológico ‘amar’ (cf. 31):

(31) O Chico Bento **ama** com a Rosinha. (DA, 3)

Conforme mencionado, os verbos dos grupos IVA e IVB não envolvem a presença do núcleo relacional no português brasileiro e na Libras (verbos simples). Nesse sentido, o uso da preposição introdutora do complemento na estrutura dos verbos monotransitivos do grupo IVA no português (e em outras línguas) não corresponde à marcação do caso dativo. O uso da preposição com esses verbos tem sido analisado como uma propriedade idiossincrática, determinada no nível do léxico (cf. JACKENDOFF, 1990a). Nessa estrutura, o uso da preposição determina uma relação sintática oblíqua, sem haver, porém, um alinhamento formal com o núcleo relacional. A hipótese é que, nesse caso, a distribuição da preposição (e a variação translíngua em relação a sua ocorrência) é uma opção marcada – inversamente, a ausência da preposição é a opção *default*, considerada um princípio da Gramática Universal.

Por sua vez, o uso da preposição na interlíngua é explicado em termos da relação composicional entre as propriedades semânticas do verbo e da preposição. No grupo IVA, essa estratégia resulta em convergência em relação ao uso, mas não necessariamente em relação à escolha, da preposição. Por hipótese, essa estratégia é generalizada para os verbos do grupo IVB, apesar da coincidência paramétrica, em relação à ocorrência do objeto direto no PB e na Libras. Diante do contraste paramétrico entre a L1 e a L2, uma vez que não existe preposição nesse contexto sintático na L1, o uso da preposição com verbos dos grupos IVA e IVB é considerado resultante de uma estratégia de compensação (no caso, a marcação da fronteira sintática com base na composicionalidade semântica).

A análise dos dados mostrou que o uso (em oposição à ausência) da preposição na interlíngua pode ser explicado por interferência (positiva), nos casos em que há coincidência na marcação paramétrica entre a L1 e a L2 em relação à presença do núcleo relacional P/Q(\subseteq) lexicalizado por movimento direcional (DIR) na Libras e por preposição dativa no PB, ou por interferência negativa, em relação ao uso de preposição na presença do movimento direcional (DIR) no verbo correspondente

na Libras e de ausência de preposição no PB. Essa situação é verificada ainda em relação à escolha da preposição – por hipótese, o uso da preposição ‘para’ caracteriza interferência positiva com verbos dos grupos I e II, e negativa, com verbos dos grupos IIIA e IIIB, em que se verifica uso de preposição diferente de ‘para’ ou ausência de preposição, respectivamente.

Na etapa seguinte do estudo, aplicamos o teste estatístico não paramétrico de Fisher (SIEGEL; CASTELLAN JR., 2006) aos resultados obtidos nos grupos I, II e IIIA e IIIB. Considerando-se a ausência categórica de ‘para’ nos dados referentes aos grupos IVA e IVB, e por corresponderem a verbos simples na Libras, estando ausente o núcleo relacional P/Q(\subseteq), esses grupos foram retirados da análise estatística. Assumindo-se que o efeito da interferência do núcleo relacional P/Q(\subseteq) da L1 se manifesta pela escolha da preposição ‘para’, a hipótese de trabalho é a de que a preposição ‘para’ ocorra com os verbos correspondentes na L2. Considerando-se que o uso da preposição ‘para’ com os verbos do grupo I e II é convergente com a língua alvo, configurando-se interferência positiva, e com os verbos dos grupos IIIA e IIIB é divergente com a língua alvo, configurando-se interferência negativa, a análise considerou os grupos assim amalgamados: I+II e IIIA+IIIB. O resultado do teste quanto ao uso de ‘para’ nos dois grupos é 0,0111, o que corresponde a um p-valor inferior a 0.05. O valor igual ou inferior $p < 0.05$ indica que existe dependência estatística entre os grupos examinados, ou seja, existe concordância entre os grupos em relação às respostas ao ‘uso de para’. Esse resultado rejeita a hipótese nula, e confirma hipótese de trabalho de que existe semelhança entre os grupos em relação ao favorecimento de ‘para’ na presença do traço relevante (com efeito positivo e negativo, respectivamente, quanto à convergência com a língua alvo).

Apresentamos, a seguir, os dados percentuais relativos ao uso da preposição, em oposição à ausência da preposição e demais estratégias, em função dos níveis de proficiência, distribuídos nos seguintes níveis: nível 1: iniciante; nível 2: básico; nível 3: intermediário (cf. 5.1.1). Observa-se a tabela 2 abaixo:

Tabela 2: Resultado: uso de preposições por nível de proficiência

	Nível 1	Nível 2	Nível 3
GRUPO I	0	44%	91%
GRUPO II	0	54%	72,7%
GRUPO IIIA	0	34%	38,2%
GRUPO IIIB	0	8%	14,6%
GRUPO IVA	5%	38%	56,4%
GRUPO IVB	0	14%	7,3%

Fonte: elaboração própria

Considerando-se que a preposição ocorre, na língua alvo, com os verbos dos grupos I, II, IIIA

e IVA, a ocorrência dessa categoria (independentemente da convergência em relação à escolha da preposição) permite verificar o desenvolvimento linguístico. Nos grupos I e II, verifica-se o aumento gradual e significativo no percentual de uso da preposição, em função dos níveis de proficiência (0% > 44% > 91% e 0% > 54% > 72,7%, respectivamente), confirmando-se a hipótese da interferência positiva da L1, uma vez que os verbos nesses grupos manifestam DIR.

No grupo IIIA, em que os verbos na L1 manifestam DIR, verifica-se aumento no percentual de uso da preposição, em função dos níveis de proficiência (0% > 34% > 38,2%). Embora o índice seja menor se comparado ao dos grupos I e II, é possível afirmar que existe desenvolvimento linguístico, uma vez que os complementos desses verbos ocorrem com preposição, na língua alvo, confirmando-se a hipótese de interferência positiva da L1 (independentemente da convergência em relação à escolha da preposição). Em relação ao grupo IIIB, em que os predicados da língua alvo não apresentam preposição, verifica-se o aumento gradual do percentual de uso da preposição, em função do nível de proficiência, ainda que os índices não sejam altos (0% > 8% > 14,6%). O uso da preposição, nesse caso, pode indicar uma situação de interferência negativa da L1, uma vez que os verbos desse grupo manifestam DIR.

Inversamente, o alto índice da estratégia de não uso da preposição, opção convergente com a língua alvo, pode ser atribuído ao caráter não marcado dessa estrutura (V+OD), disponível na GU como uma opção *default*.

Nos verbos do grupo IVA, que não manifestam DIR, tem-se aumento no uso da preposição, em função do nível de proficiência (5% > 38% > 56,4%), o que configura desenvolvimento linguístico. Conforme mencionado anteriormente, o uso da preposição na estrutura desses predicados configura uma opção marcada, que a gramática da L1 não adota. Por hipótese, o desenvolvimento linguístico, nesse caso, deve estar apoiado em alguma estratégia de compensação (uma questão que deixamos em aberto neste estudo). Finalmente, nos verbos do grupo IVB, tem-se um resultado particularmente interessante, pois o percentual de uso da preposição tem um aumento do nível 1 para o nível 2, e depois um declínio (0% > 14% > 7,3%). Considerando que os predicados desse grupo não apresentam preposição na língua alvo, conclui-se que o declínio configura desenvolvimento linguístico, evidenciando-se a tendência em direção à convergência com a língua alvo.

Considerações finais

O presente artigo investigou a ocorrência de preposições dativas na interlíngua do surdo, considerando a interferência dos verbos de concordância da Libras. Tendo em vista as propriedades

morfofossintáticas desses verbos na codificação do argumento alvo, as características da interlíngua permitem concluir que a interferência da L1 se manifesta pelo favorecimento no uso das preposições, em oposição ao não uso e às demais estratégias, nos verbos correspondentes da L2. Em particular, os resultados demonstram que a estrutura dos verbos de concordância em Libras influencia na aquisição da preposição em complementos dativos no português, o que se estende para outros contextos preposicionados. Considerando a ausência de preposição em contexto de complementação verbal na Libras, o uso de preposição, na interlíngua, é considerado desenvolvimento linguístico. Nesse sentido, o favorecimento da preposição ‘para’, associado aos casos em que o verbo correspondente da L1 é de concordância, é considerado evidência para a hipótese da interferência da L1.

Inicialmente, analisamos as propriedades do complemento dativo nas LOs. Assumimos que esse complemento é licenciado pelo núcleo Q/P(\subseteq), tanto na estrutura de predicados bitransitivos quanto na estrutura de predicados monotransitivos (MANZINI; FRANCO, 2016). Adotamos essa mesma análise para estruturas com verbos de concordância em libras, propondo que o argumento dativo é introduzido por Q/P(\subseteq), que é realizado lexicalmente pela categoria DIR, tanto em predicados bitransitivos quanto em predicados monotransitivos. Por hipótese, esse núcleo também está presente na estrutura de verbos simples bitransitivos na Libras, como um traço na estrutura do DP pronominal marcado para o traço [+animado].

Apresentamos, em seguida, uma análise dos dados distribuído nos seguintes grupos de verbos: I – dativo no PB/concordância na libras; II – dativo no PB/simples (bitransitivo) na libras; IIIA – não dativo preposicionado no PB/ concordância na libras; IIIB – não dativo sem preposição no PB/ concordância na libras; IVA – não dativo preposicionado no PB/simples (monotransitivo) na Libras; IVB – não dativo sem preposição no PB/simples (monotransitivo) na Libras. Discutimos a relação entre o núcleo relacional Q/P(\subseteq), presente em verbos de concordância (grupos I, IIIA, IIIB) e em verbos simples bitransitivos (grupo II), e o uso da preposição (em oposição à ausência e ao uso de outras estratégias) na interlíngua. Mereceu destaque a ausência da preposições ‘para’ na interlíngua nos dados do grupo IV, em que o núcleo relacional Q/P(\subseteq) está ausente nos verbos da L1 (por serem verbos simples monotransitivos).

Apresentamos, em seguida, o resultado do teste estatístico (Fisher) realizado com o objetivo de investigar a significância dos resultados obtidos nos grupos I, II, IIIA e IIIB. Verificou-se a dependência estatística entre os grupos amalgamados I-II, em oposição a IIIA-IIIB em relação às respostas dos participantes ao uso de ‘para’. A dependência estatística nos resultados permitiu concluir que existe semelhança entre os grupos no efeito da interferência do traço relacional Q/P(\subseteq) dos verbos de

concordância em relação ao uso da preposição ‘para’ na interlíngua.

Finalmente, apresentamos a análise dos dados em função da proficiência dos participantes, distribuídos nos níveis iniciante (1), básico (2) e intermediário (3). Demonstrou-se que existe desenvolvimento linguístico para o uso da preposição, em oposição à ausência da preposição e demais estratégias, na presença do núcleo relacional Q/P(⊆) na estrutura do predicado. Outros aspectos devem ser considerados como, por exemplo, o papel do *input* no desenvolvimento linguístico e as implicações da escolha da preposição. Essas questões, de suma relevância, serão consideradas em trabalhos futuros.

REFERÊNCIAS

- ANAGNOSTOPOULOU, Elena. *The Syntax of Ditransitives. Evidence from Clitics*. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2003.
- BAKER, Mark. *Incorporation*. Chicago: University of Chicago Press, 1988.
- BARSS, Arnold; Howard LASNIK. A Note on Anaphora and Double Objects. *Linguistic Inquiry* 17: 347-354, 1986.
- BECHARA, Evanildo. *Moderna Gramática Portuguesa*. 42ª edição. Rio de Janeiro: Lucerna, 2004.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Linguística Geral*. Campinas: Pontes, (1ª edição 1966), 1988.
- BERLINCK, Rosane Andrade. The Portuguese dative. In William Van Belle and Willy Van Langendonck (eds) *The Dative. Descriptive Studies*, 119-151. Amsterdam: John Benjamins, 1996.
- BORER, Hagit. ‘Passives without Theta Grids’. Lapointe (ed) *Morphological Interfaces*, CSLI, Stanford, 1996.
- CAPOVILLA, Raphael et al. *NOVO DEIT-LIBRAS: Dicionário Enciclopédico Ilustrado Trilíngue da Língua de Sinais Brasileira*. Vol. 1. 2. São Paulo: EDUSP, 2012.
- CHOMSKY, Noam. *O Conhecimento da Língua – sua natureza, origem e uso*. Trad. Anabela Gonçalves e Ana Teresa Alves (1994). Lisboa: Caminho, 1986.
- _____. *O Programa Minimalista*. Trad. Eduardo Paiva Raposo. Cambridge: MIT Press, 1995.

COLORIR.ORG. Disponível em <https://colorir.org>. Acesso em 10 de janeiro de 2020.

CRAATS, Ineke van de; CORVER, Norvin.; HOUT, Roeland van. Conservation of grammatical knowledge: on the acquisition of possessive noun phrases by Turkish and Moroccan learners of Dutch. *Linguistics* 38-2, 221-314, 2000.

CUERVO, Maria Cristina. Datives at Large. PhD thesis. Massachusetts Institute of Technology, 2003.

DEMONTE, Violeta. Dative Alternation in Spanish. *Probus* 7: 5-30, 1995.

EMONDS, Joseph. Projecting indirect objects. *The Linguistic Review* 10, 211-263, 1993.

FELIPE, Tanya; MONTEIRO, Myrna. *Libras em contexto – curso básico* (livro do professor). Brasília: Ministério da Educação, Secretaria de Educação Especial, 2007.

FERNANDES, Eulália. *Linguagem e surdez*. Porto Alegre: Artes Médicas, 2003.

FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática da língua de sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.

HALE, Ken.; KEYSER, Samuel Jay. On argument structure and the lexical expression of syntactic relations. In HALE, Ken.; KEYSER, Samuel Jay (ed.) *The view from the building 20*. Cambridge, Mass.: The MIT Press, 1993. p. 53–109.

HARLEY, Heidi. Possession and the Double Object Constructions. In PICA, Pierre and Johann ROORYCK. *Linguistic Variation Yearbook 2*, 31-70. Amsterdam: John Benjamins, 2003.

JANIS, Wynne. A Cross-linguistic Perspective on ASL Verb Agreement. In: EMMOREY, Karen.; REILLY, Judy (eds.) *Language, Gesture, and Space*. Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum, 1995. p. 195-223.

JACKENDOFF, Ray. *Semantic Structure*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1990a.

_____. On Larson's treatment of the double object construction. *Linguistic Inquiry*, 21 (3), 1990b, 27-456.

KAYNE, Richard. *Connectedness and Binary Branching*. Dordrecht: Foris, 1984.

LARSON, Richard. On the double object construction. *Linguistic Inquiry* 19 (3), 335-91, 1988.

LEVIN, Beth; HOVAV, Malka Rappaport. *Unaccusativity: At the Syntax-Lexical Semantics Interface*. Cambridge, Mass.: MIT Press, 1995.

LENNEBERG, Eric. *Biological Foundations of Language*. New York: J. Wiley, 1967.

MANZINI, Maria Rita.; FRANCO, Ludovico. Goal and DOM datives. *Natural Language and Linguistic Theory* 34 (1), 2016. p. 197-240

MARANTZ, Alec. *On the Nature of Grammatical Relations*. MIT Press, Cambridge, Mass, 1984.

_____. Implications of asymmetries in double object constructions. In Sam MCHOMBO (ed.) *Theoretical Aspects of Bantu Grammar*, Stanford, CA: CSLI Publications, 1993, p. 17–46.

MEIR, Irit. A Cross-Modality Perspective on Verb Agreement. *Natural language and Linguistic Theory* 20: 413-450, Kluwer Academic Publishers. Printed in the Netherlands, 2002.

MESQUITA, Aline. *A categoria preposicional na interlíngua do surdo aprendiz de português (L2)*. 2008, 106 f. Dissertação (Mestrado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2008.

_____. *Estruturas dativas do português (L2) na interlíngua de surdos*. 2019, 281 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

MESQUITA, Aline; SALLES, Heloisa M. Lima. Preposições na língua de sinais brasileira e na interlíngua de surdos aprendizes de português L2. In SALLES, Heloisa M. Lima; NAVES, Rozana R. *Estudos gerativos da Língua de Sinais Brasileira e de aquisição de português (L2) por surdos*. Cànone, Goiânia, 2010, p. 157-188.

PADDEN, Carol. *Interaction of Morphology and Syntax in American Sign Language*. PhD Dissertation, University of California, San Diego, 1983 [Publicado em 1988 em *Garland Outstanding Dissertations in Linguistics*, New York]

PERLMUTTER, David. ‘Predicate’: A Grammatical Relation. *Linguistics Notes from La Jolla* 6, 1979.

PESETSKY, David. *Zero Syntax*. Cambridge, Mass: MIT Press, 1995.

PYLKKÄNEN, Lina. *Introducing arguments*. Cambridge, Mass.: MIT PhD Thesis, 2002.

QUADROS, Ronice. M. *Phrase structure of Brazilian Sign Language*. Tese de Doutorado. PUCRS.

Porto Alegre, 1999

QUADROS, Ronice M.; KARNOPP, Lodenir. B. *Língua Brasileira de Sinais: Estudos Linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.

QUADROS, Ronice M.; QUER, Josep. Revertendo os verbos reversos e seguindo em frente: sobre concordância, auxiliares e classes verbais em línguas de sinais. In: Ronice QUADROS; Maria L. VASCONCELLOS. *Questões Teóricas das Pesquisas em Línguas de Sinais*. Petrópolis: Editora Arara Azul, 2008

_____. A caracterização da concordância nas línguas de sinais. In: SALLES, Heloisa M. Lima; NAVES, Rozana R. (orgs.) *Estudos gerativos da Língua de Sinais Brasileira e de aquisição de Português (L2) por surdos*. Goiânia: Cãnone Editorial, 2010, p. 33-58.

RAMOS, Jania. *Marcação sintática e mudança sintática no português*. Campinas, SP: Universidade Estadual de Campinas, Tese de Doutorado, 1992.

RAMCHAND, Gillian. Catriona. *Verb meaning and the lexicon: a first phase syntax*. New York: Cambridge University Press, 2008.

RATHMANN, Christian; MATHUR, Gaurav. Is Verb Agreement the Same Crossmodally? In: MEIER, Richard/Cormier, KEARSY/Quinto-Pozos, David (eds.), *Modality and Structure in Signed and Spoken Languages*. Cambridge: Cambridge University Press, 2002, p. 370-404.

SALLES, Heloisa M. Lima. *Prepositions and the syntax of complementation*. PhD Dissertation. Bangor, 1997, 157 p.

SALLES, Heloisa M. Lima *et al.* “Enunciados inferenciais e estrutura gramatical na interlíngua de surdos aprendizes de português L2”. *Revista Espaço* n 44, 105-124. Rio de Janeiro: INES, 2015.

SIEGEL, Sidney; John CASTELLAN JR. *Estatística não-paramétrica para ciências do comportamento*. Tradução Sara Correa Carmona. Porto Alegre, Artmed, [1988] 2006.

SKLIAR, Carlos. *A surdez: um olhar sobre as diferenças*. Porto Alegre: Mediação, 1998.

SORACE, Antonella. Near-nativeness. In DOUGHTY, C. e LONG, M. (eds.) *Handbook of Second Language Acquisition*. Oxford: Blackwell, 2003.

SVENONIUS, Peter. Icelandic case and the structure of events. *Journal of Comparative Germanic*

Linguistics 5 (1-3), 197-225, 2002.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida; BERLINCK, Rosane. A caracterização objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos”. In LOBO, Tania et al. (eds.) *Para a história do português brasileiro: Novos dados, novas análises*. Vol. VI. Tomo I, 73–106. Salvador, BA: Editora da Universidade Federal da Bahia, 2007.

TORRES MORAIS, Maria Aparecida.; SALLES, Heloisa M. Lima. Parametric change in the grammatical encoding of indirect objects in Brazilian Portuguese. *Probus*. n. 22, 181–209, 2010.

TSIMPLI, Ianthi Maria; ROUSSOU, Anna. Parameter Resetting in L2? *UCL Working Papers in Linguistics* 3: 149-169, 1991.

WHITE, Lydia. *Second Language Acquisition and Universal Grammar*. Cambridge University Press, Cambridge, 2003.